

A perfeição do nada: da videologia à desideologia da percepção

The perfection of nothing: from videology to the des-ideology of perception

Juliano Serra Barreto

(serra@unb.br)

Departamento de Desenho Industrial

Universidade de Brasília, Brazil

27 de Maio de 2010

Resumo

Diante do boom informacional e dos consequentes efeitos sobre o aparato perceptivo humano, evidencia-se a necessidade urgente de uma relação mais vigorosa entre a ciência da informação e outras ciências que estudam a cognição humana. Tal intercâmbio pode cobrir lacunas nestas áreas e ampliar o escopo holístico da ciência da informação.

Palavras-chave: Comunicação, Cognição, Material audiovisual.

Abstract

Amidst the informational boom and looking for the deep effects on the human perceptive apparatus, we see the urgent necessity of a vigorous relationship between the Information Science and other sciences of the human cognition. This can cover gaps in these areas and extend the Information Science's multidisciplinary scope.

Keywords: Communication, Cognition, Audiovisual.

1 Introdução

A consciência, que por si mesma nos possibilitou, na visão da aparência, a apreensão da Ideia que nela se manifesta, poderia finalmente ser obrigada a exclamar, como Fausto: “Que espetáculo! Mas –ai de mim– só um espetáculo! Por onde te agarrarei, natureza infinita?” (WAGNER, 1987)

Vivemos agora os efeitos de uma explosão informacional, onde a quantidade de informação disponível multiplica-se em progressão geométrica pela intensificação do uso extensivo do computador, da televisão e da rede mundial. A sensação é a de imersão plena em um oceano de conhecimentos no qual, porém, o signo já não tem mais significado, pois o conteúdo total equivale ao de uma Babel de mensagens sem sentido nem destinatário. Um desafio está colocado sobre toda a humanidade, na escolha das rotas e caminhos a serem navegados neste oceano. Observamos atônitos a crescente multiplicação da violência e, ao mesmo tempo, a atrofia de nossa susceptibilidade ao sofrimento humano. E não somente isso, mas também a nossa sensibilidade à arte, à verdade, à ética está se transformando rapidamente.

Com isso, surge um novo tipo de *homo sapiens* que, mais do que elaborar e trocar concepções simbólicas (nossa diferença primordial com outras espécies) vai se especializando em consumir indiscriminadamente as representações audiovisuais impostas pela mídia. É o alvorecer do *homo videns*, o homem que vê, o homem do pós-pensamento, como sugere o filósofo e cientista político italiano Giovanni Sartori (2001). Nesta troca de papéis estaríamos, segundo esse autor, perdendo inteiramente nossa capacidade reflexiva e crítica. Não existem mais critérios, e não se sabe a utilidade ou validade do que está sendo ávidamente consumido. Para Sartori, o fenômeno tem duas faces: a desinformação, ou a deformação mesma da informação, intencional ou não, e a subinformação, a informação insuficiente, reduzida, descontextualizada.

É o que, percebido também por Umberto Eco (2004), nos distancia de nós mesmos na troca de uma memória coletiva por impressões instantâneas e individualistas: a montagem de referências individuais via rede mundial de computadores ameaçaria o caráter coletivo da cultura. Elimina seus filtros naturais, construídos por acumulação durante séculos, separando o que é relevante do que não é. Ele dá um exemplo: “Saber quando Júlio César nasceu é importante, enquanto a data da morte de sua mulher, não. Com a Internet essa valoração se anula. Os critérios passam a ser individuais e não mais se subordinam a valores culturais definidos consensualmente” (ECO, 2004). A Internet acaba criando esse mundo instantâneo e individual, no qual se relativizam a memória da cultura e o caráter coletivo dos povos. Eco diz que se assusta com a imagem do internauta solitário, em seu quarto, sobrevoando o que julga ser a totalidade do mundo por meio de cliques do seu mouse.

Assim como os filtros naturais são alterados, são também modificadas as condições cognitivas gerais, e conseqüentemente, a capacidade de ver, assim como de entender o que se vê, são minimizadas. A percepção sensorial, sobretudo visual, tem evoluído de forma surpreendente, nos adaptando a novos mundos sensoriais insuspeitos. À medida que desenvolvíamos, no caso do mundo visível, o uso sofisticado da linguagem visual e dos instrumentos de captação, e portanto da habilidade de produzir imagens cada vez mais complexas, o sistema visual humano sofria sucessivos refinamentos. Os primeiros filmes exibidos em comunidades isoladas, no princípio do séc. XX precisavam ser comentados por um “explicador” para que fossem compreendidos. Nesse caso a

impressão de realidade era quase nula, mas quando a simbologia tridimensional do cinema foi reconhecida como tal, o narrador deixou de ser necessário. O aprendizado da percepção tem sido parte de nossa evolução, mas diante da sociedade da informação é possível que esteja ocorrendo uma descontinuidade nesse sentido.



Figura 1: *A Web na cabeça* – a imagem à esquerda mostra, em verde, as áreas do cérebro ativadas durante a leitura de um livro. A imagem à direita registra a atividade cerebral durante a navegação na internet. As áreas do cérebro envolvidas são semelhantes às da leitura, com um acréscimo importante, destacado em vermelho. Trata-se do córtex pré-frontal, que permite às pessoas tomarem decisões rapidamente, enquanto avaliam informações complexas. Fonte: Revista Veja, edição nº 2125, de 12 de agosto de 2009.

Experimentos na área de neurociências indicam que estão se processando modificações importantes na maneira como o cérebro funciona a partir do contato próximo com máquinas e computadores. Em entrevista a Revista Veja, Gary Small¹ diz que “... a exposição à rede fortalece alguns circuitos neuronais. Com isso, fazemos mais com o cérebro, gastando menos energia.” E explica que:

Tecnicamente, a superexposição a estímulos constantes na Internet afeta a maioria dos circuitos corticais e a camada externa da área cinzenta do cérebro, o que inclui os lobos frontal, parietal e temporal. O resultado disso é

¹Neurocientista, autor de: “**iBrain: Surviving the technological alteration of the modern mind**”, em colaboração com Gigi Vorgan, publicado por Harper Collins, New York, 2008.

que ocorre um reforço nos circuitos cerebrais que controlam as habilidades tecnológicas. Mas os circuitos relacionados a habilidades sociais são negligenciados.... Existe uma frase, citada pelos céticos: "Minha avó dizia que a TV iria apodrecer meu cérebro – o que de fato aconteceu". A verdade é que não sabemos o que acontecerá, mas precisamos reconhecer que a revolução digital traz efeitos bons e ruins ao cérebro. O importante é que ainda temos controle sobre aquilo a que escolhemos expor nossa mente (SMALL, 2009).

2 Admirável mundo audiovisual

O poder hegemônico vem ao longo da História construindo barreiras e armadilhas para impedir o livre pensar e a livre expressão, e nestes casos se procura obter o controle do pensamento principalmente pela obstrução do acesso ao conhecimento e às ideias, proibindo-se publicações, queimando-se originais, calando-se as bocas. Acreditavam os ditadores (e alguns políticos ainda acreditam!), que controlando o meio físico, o suporte, seja o papel ou as ondas hertzianas, estariam impedindo a proliferação das ideias e portanto de ações indesejadas. A base necessária para homogeneização/higienização do pensamento. Pois se tal ameaça não se deu dessa forma no passado, pode estar em vias de ocorrer. Sim, agora, e de modo paradoxal, rápido e inesperado.

Na sociedade da informação parece haver um outro componente capaz de conformar o pensamento, de limitar a capacidade crítica, e de subverter a sensibilidade que costumamos imputar à condição humana. E não opera pela limitação da circulação de ideias, muito pelo contrário, exacerba justamente a publicação, a constância da oferta, a visibilidade total. Pois, a medida em que se avoluma esta torrente de informações vamos passando de observadores críticos, capazes de avaliar o que vemos e o que sentimos em relação ao que vemos, para meros visualizadores, espectadores atônitos de um fluxo ininterrupto de imagens e sons, e que induzem continuamente a ações automáticas.

Entendemos, pois, que, na superinformação, a repetição torna visível o invisível, mas oculta a realidade pela banalização entorpecedora dos sentidos. Perdemos, então, a possibilidade de distinguir a nuance, pela rapidez com que temos de processar a procissão de signos desfilando em velocidade crescente (SARTORI, 2001).

Como os meios de comunicação destroem nossos referenciais de espaço e tempo, constituintes da percepção, e se instituem a si mesmos como espaço e tempo - o espaço é o "aqui" sem distâncias, sem horizontes e sem fronteiras; o tempo é o "agora" sem passado e sem futuro (KHEL; BUCCI, 2004, p. 34-35), perdermos a capacidade de

abstração e também a capacidade de distinguir entre a verdade e a mentira (SARTORI, 2001). Dessa forma, a percepção passa a ser moldada pelos impulsos da tecnologia que constrói sonhos e motiva desejos. Como em *Metrópolis*, de Fritz Lang, ela nos transforma em autômatos (RIBEIRO, 2001). Autômatos que estarão sempre prontos para aplaudir o nada, imputando a perfeição ao vazio. E no exercício desse poder mais do que devastador, a mídia realiza o que Noam Chomski chamou de “fabricação do consenso”, a simples imposição totalitária do que as pessoas devem pensar e fazer de si mesmas e das outras.

Assim a mídia acaba por produzir os indivíduos que o mercado necessita pois estrutura antecipadamente a percepção da realidade numa sociedade do espetáculo e do consumo, em que as pessoas são despojadas de sua subjetividade. A exaltação do indivíduo e o culto à imagem do outro cria abismos subjetivos em que a personalidade comum já não é capaz de se reconhecer (KHEL; BUCCI, 2004, p. 67). Em vista desta alteração perceptiva pode-se questionar, na sociedade da informação, os seus efeitos éticos sobre a humanidade e, sobretudo, esta capacidade de moldar nossos corpos e mentes. A possibilidade de metamorfosear o corpo humano, oferecendo um novo campo perceptivo ao qual se adaptar, pode estar nos levando a um novo estágio humano, o *homo videns*, entendendo aí a instauração de um novo aparato sensorial, não exclusivamente visual, já que o cérebro é capaz de “ver” de várias outras maneiras, além de interpretar as formas construídas opticamente. O mais preocupante é que este poder transformador de nossa percepção é um instrumento que se revela ideal para o controle das massas, pois se antes sabíamos que “o que os olhos não veem, o coração não sente” agora, com tanto mais o que ver, podemos dizer que, mesmo que os olhos vejam e revejam, o coração já não sente mais.

Por ora, lamentavelmente, o que temos no controle é uma mídia servil à banalização da violência, coluna fundamental de todo um sistema de exploração, injustiça e perversas disparidades. É preciso inocular-nos a doença psicológica da passividade, é preciso tornar cada vez mais comum o absurdo, para que não nos escandalizemos, para que não nos revoltamos, para que achemos que as coisas são “normais” do jeito que são. Por isso, praticamente tudo o que passa em rede aberta de televisão é lixo, vulgaridade, erotização chula, escândalo, tragédia, fofoca, terror, violência. Até mesmo os programas humorísticos, que deveriam, por definição, trazer alegria e leveza às nossas vidas, estão estribados nos mais grosseiros preconceitos, no mais despudorado cinismo e, às vezes, na mais cruel selvageria ideológica voltada a escrachar os pobres e trabalhadores (vide o caso do global “Sai de Baixo”²). Os canais por assinatura são um pouco melhores mas, de maneira geral, não fogem à regra. A maioria dos videogames deveria fazer chorar qualquer adulto que tenha um mínimo de discernimento ético. Em termos de contexto familiar, nossas crianças e jovens convivem

²Comédia vulgar dominical da Rede Globo em 2004.

mais com eles do que conosco, é forçoso reconhecer (RIBEIRO, 2001).

A propósito, a psicanalista Tania Rivera lembra a previsão realizada em 1913 por um discípulo de Freud, Lou Andreas-Salome: “o futuro do filme poderá contribuir muito para a nossa constituição psíquica” (RIVERA, 2009, p. 63)

3 A babelização do conhecimento

Uma aprendizagem informacional, ou educação para a informação, como tem sido também referida, e que suporta o tsunami da sociedade da informação, deve, antes de tudo, buscar a redescoberta da reflexão, da consciência da percepção e da sensibilidade com relação aos outros e a si mesma. Como sugere Castilho:

A inclusão digital é a discussão do momento. Fala-se todo o tempo em integrar as pessoas à esse admirável novo mundo *online*. Entretanto, sem fornecer uma base educacional e cultural sólida às pessoas, não se obterá inclusão nenhuma. Uma pessoa que apenas saiba operar um mouse de computador continuará tão ignorante quanto a que não sabe. Não é a tecnologia que irá salvar as pessoas, assim como não é o oceano de informações *online* que irá deixar ninguém mais sábio. É preciso a base e essa base continuará sendo a educação, que se inicia com a alfabetização completa e correta, com os conceitos culturais de comunidade e identidade transmitido às pessoas (CASTILHO, 2005).

Em 2007 contou-se 281.000.000.000 Gigabites ativos no universo digital, o que significa cerca de 45GB por pessoa no planeta. Saber como encontrar um determinado conhecimento distante, se relacionar com máquinas e estar em rede é importante, mas não deveria comprometer a capacidade de ver apropriadamente, e de entender cada vez melhor o que está ao alcance de nossos olhos e mentes.

A informação é em si ambivalente, tanto em quem a pronuncia, quanto em quem a recebe. Em todos os momentos passa pelo filtro da subjetividade, além de sua dimensão estar limitada pelo aparato perceptor e conceitualizador. Mas é esta ambivalência que resgata sempre a possibilidade de criar, inventar. Se tudo fosse apenas lógico, seria apenas repetitivo. O mundo da informação é agitado, conturbado, porque é, ao mesmo tempo, intrinsecamente manipulado e impossível de ser totalmente manipulado (DEMO, 2000)

O problema portanto não é mais a ocultação e a manipulação da informação, e sim o “achatamento” da percepção, a evolução para um estado de desconhecimento

da dimensão subjetiva, ou seja, a impossibilidade de perceber a ambivalência da informação, o que soterra por fim a criatividade e a inventividade, pela limitação paulatina do aparato perceptivo e conceitualizador. O fato de existirem infinitas informações facilmente acessíveis não significa que sabemos para que servem.

O que está sendo ameaçado é a própria constituição da personalidade, em um processo franco de des-ideologização da existência individual, operando no aparato perceptivo e destruindo a possibilidade do auto-conhecimento. Entendemos nesse caso, as implicações do conceito de Ideologia indicado por Althusser, que diz, “*A ideologia é uma ‘representação’ da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência*” (in “Aparelhos ideológicos de Estado”- citado por Eugênio Bucci em (KHEL; BUCCI, 2004, p. 36)), e ainda que é isso o “[...] que garante ao mesmo tempo o reconhecimento mútuo entre sujeitos e o Sujeito, e entre os próprios sujeitos, e finalmente o reconhecimento do sujeito por si mesmo.”

As novas tecnologias eliminaram o tempo e o espaço real, trocando-o pelo ficcional. Permitiram a união de imagens, vozes e figurações de vida num tempo de simulação e invadiram o imaginário formatando-o. Se, anteriormente, a oralidade fornecia pistas e inspiração aos artistas, conferindo-lhes a função de revelar, com ilustrações, as histórias de uma cultura popular, a sociedade virtual, em suas redes, emaranha a imaginação através da formação automatizada. A repetição acelerada de imagens estereotipadas gera o tautismo, cunhado por Lucien Sfez juntando a tautologia ao autismo, que, ao dar visibilidade, termina por tornar opaca a transparência da imaginação no homem globalizado (BALESTRERI, 2006).

Também Jaime Robredo, em sua discussão sobre as novas abordagens dos sistemas de informação, já alertava para uma tendência à superficialidade ocasionada pelo descompasso entre o tempo de recepção cultural e a velocidade crescente da transferência de informação, evidenciado na citação a Kornwachs:

[...] assim podemos perguntar se é possível manter uma relação razoável entre a rápida disponibilidade da informação e a forma relativamente lenta do processo cognitivo humano[...] O maior problema com essa diferença entre as constantes de tempo técnica e humana, resulta do fato que os estados do processo cognitivo e o impulso de buscar novas informações importantes ou decisivas, apresenta-se de forma assincrônica (ROBREDO, 2003, p. 164).

E o mesmo fenômeno pode interferir inclusive na atividade científica, como observa Wilson Luiz Sanvito, Professor de Neurologia da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo:

O lema da sociedade e, principalmente, da comunidade científica é a obtenção do máximo de informação para se manter “*up to date*”. Isso é um equívoco. Esse estado permanente de superinformação provoca ruído no sistema e não há tempo suficiente para uma reflexão crítica das mensagens recebidas para classificá-las sob a forma de conhecimento articulado. Estabelece-se uma cacofonia na cabeça do receptor das informações. Por outro lado, a pulverização das ciências contribui para a falta de integração de seus diversos ramos. Cada homem de ciência atua no seu próprio nicho e acaba perdendo a perspectiva de um saber integrado, o que determina uma perda do quadro de referências. A fragmentação do saber teve como consequência uma babelização do conhecimento. Nós vivemos uma época de especialização desabusada, em que o especialista é microcultíssimo e macroignorante (SANVITO, 2000).

4 Nada é perfeito

"Adoramos a perfeição, porque não a podemos ter; repugná-la-íamos, se a tivéssemos. O perfeito é o desumano, porque o humano é imperfeito."
(Fernando Pessoa)

Como sabemos... a perfeição, alijada do destino humano, não é mesmo necessária e, uma vez que nada é perfeito, podemos encontrar perfeição ainda, e apenas, na ausência de ação ou coisa, no silêncio. A rotina seria perfeita se não houvesse novidade. Assim a falta de mensagem pode viabilizar a conexão ideal, sem estática ou modulações, contínua e plena. Aí a experiência real se encontra planificada e a inspiração não encontra ápices de onde possa alçar voos criativos. Também não existe o silêncio, e então não há comunicação. A interação exige o silêncio, e a comunicação é um processo interativo.

Ciro Marcondes Filho, sociólogo da USP, ao investigar a comunicação humana, percorre os diversos conceitos afeitos à comunicação na produção dos filósofos ocidentais, para concluir que:

“As comunicações são antes extralinguísticas e promovidas pela interação humana”(MARCONDES Filho, 2007, p. 88).

“Não nos comunicamos pela língua estruturada, porque ela mascara a comunicação” (p. 83). Diz Bergson: “as ideias que nos pertencem são as que menos podem ser expressas em palavras”(p. 85).

“Não existe comunicação porque somos sistemas fechados” (p. 85). Pessoas e sistemas se voltam para si mesmos, segundo Luhman, e nisso se autoregulam, são autopoieticos, sem trocas com o mundo exterior.

“Na linguagem estruturada a comunicação torna-se ritualizada, não diz nada, por

isso buscamos outras formas, menos ineficazes. Por exemplo, no silêncio, no toque físico, nos ambientes” (p. 93). A linguagem é como uma roupa (social, pretensamente comunicativa) com que cobrimos a transparência do nosso corpo nu. Segundo Nietzsche, pode existir pensamento mesmo onde não há palavras, pois o corpo pensa, mas não fala (p. 97).

“Há labirintos na comunicação, pelos quais a realização da comunicação é o poder de driblar a proibição de se comunicar imposta pela “sociedade da comunicação””(p. 98). No comunicar, a percepção não se traduz em linguagem objetiva, esta é pobre, estéril, mero formalismo. Ela é antes sentida, vai além dos signos, como diz Merleau-Ponty, “rumo ao silêncio deles” ” (p. 101).

Como na vida social, que, para Henri Bergson, tem mais importância prática do que nossa existência interior e, baseada na linguagem estruturada, não permite mais o movimento, solidifica o entendimento fixando as sensações, e ocultando, ou mesmo destruindo, as impressões delicadas e fugidias da consciência individual (MARCONDES Filho, 2007, p. 84).

Em suma, para um espírito que siga pura e simplesmente o fio da experiência não haveria vazio, não haveria o nada, mesmo que relativo ou parcial, nem negação possível. Um espírito como esse veria fatos se sucederem a fatos, estados a estados, coisas a coisas. O que observaria a todo momento são coisas que existem, estados que aparecem, fatos que se produzem. Ele viveria no atual e se fosse capaz de julgar, só afirmaria sempre a existência do presente (BERGSON, 1979, p. 256).

Como no cinema, ao projetar a sucessão de uma série de momentos fixos (fotografias) que não têm movimento, e provocar a ilusão daquele movimento que foi subtraído ao evento registrado, surge na velocidade midiática a mesma ilusão de completude onde na verdade se instaura o vazio. Mas um vazio diferente, indolor, incapaz de sensibilizar ou ativar mudanças pois não implica em falta, mas em abundância. Teríamos perdido o medo, o horror ao vazio, e em consequência toda possibilidade de ação? Sim, se acreditarmos que toda ação procede de uma ausência:

[...] toda ação humana tem seu ponto de partida em uma insatisfação e, por isso mesmo, num sentimento de carência. Não agiríamos se não nos propuséssemos um objetivo, e só procuramos uma coisa porque sentimos falta dela. Nossa ação procede pois do “nada” a “alguma coisa”, e tem por própria essência bordar “alguma coisa” nos bastidores do “nada” (BERGSON, 1979, p. 258).

Para a professora Laura Coutinho, preocupada com o alcance educacional do cinema, “vivemos em um mundo em que a visibilidade chegou à exaustão. Não há mais

o que não se veja” (COUTINHO, 2009, p.84). E além disso “Não sabemos mais ver sem as câmeras, e esse olhar é sempre ficção e realidade juntas” (p.86).

Ao desvelar a íntima relação entre o cinema de Antonioni e a filosofia de Heidegger, evidenciada nos filmes pela presença de temas como a “percepção do vazio, do nada (ou do ser) e a existência sufocada pela tecnologia, o ruído, o mecanicismo, a diluição e a publicidade” (CABRERA, 2006, p. 316), o filósofo Julio Cabrera reforça a ideia heideggeriana de que o tédio é um sentimento que permite o “acesso a um mundo mais fundamental do que o habitual, mais profundo e mais próprio” (p. 321). Mas o tédio é justamente o que não se espera mais encontrar no cinema. No fluxo audiovisual contínuo e pleno não “existe” o Nada.

Então, se o vácuo existencial foi dominado pela cornucópia midiática, e a escuridão da dúvida iluminada pelo hipnótico écran da informação instantânea... o que nos resta?

Somente o coração silente da clareira é o lugar do silêncio do qual pode irromper algo assim como a possibilidade do comum pertencer de ser e pensar, isto é, a possibilidade de acordo entre presença e apreensão (HEIDEGGER, 1984, p. 79).

5 Conclusão

A Ciência da Informação, entre seus objetos de pesquisa, que se entende como componentes de um sistema de conhecimento holístico, poderia e deveria abordar mais a fundo os aspectos acima discutidos, e incluir o estudo da cognição e da percepção como um de seus focos prioritários, diante da possibilidade que se apresenta, que é a de atingirmos uma estágio da sociedade em que não teremos mais leitores críticos, mas apenas processadores de informação. A ênfase dada na CI à tecnologia da informação e em suas consequências macro sociais deixa escapar exatamente o momento da compreensão e da interiorização subjetiva da informação, e que tem importância fundamental na chamada Sociedade da Informação. Em outras ciências estes aspectos são inevitavelmente tratados de forma parcial, pois não se considera a informação como um elemento principal, em geral estão mais preocupadas com aspectos fisiológicos e neurais, na visão da Ciência da Cognição, essencialmente biomédica, e com muitas aplicações nas Engenharias, ou com processos mentais abstratos, como no caso da Psicologia ou da Comunicação. Em ambos os campos não se concebe a informação em todas as suas dimensões e implicações, pois não é considerada em si mesma e, embora um vetor ativo em qualquer teoria, apresenta-se sem estatuto ou história.

Cabe à Ciência da Informação preencher tal lacuna, o que não tem acontecido, pois a vertente acadêmica preponderante é a que se dedica aos sistemas concebidos pelo homem, e poucos cientistas estudam os sistemas ditos naturais, conforme a delimi-

tação didática apresentada por Robredo (2003), e que ainda no mesmo texto, sugere a identificação necessária da CI com as neurociências e as ciências cognitivas e psicossociais. Nosso singelo objetivo com essa pequena argumentação é de justamente reforçar estes vínculos interdisciplinares e de alertar para a urgência de tal investida, diante da velocidade inerente aos processos informacionais da atualidade.

Referências

- BALESTRERI, Ricardo. **Cidadania e direitos humanos: um sentido para a educação**. 2006. Internet. Acesso em 12 de Junho de 2005. Disponível em: <<http://www.dhnet.org.br/educar/balestreri/sentido/inabidicaveis.html>>.
- BERGSON, Henri. **A evolução criadora**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar Editores, 1979.
- CABRERA, Julio. **O Cinema pensa**. São Paulo, SP: Rocco, 2006.
- CASTILHO, Daniela. **Superinformação sem filtro**. 2005. Internet. Acesso em 12 de Junho de 2005. Disponível em: <<http://www.havesometea.net/MadTeaParty/archives/001618.html>>.
- COUTINHO, Laura Maria. O olhar cinematográfico - reflexões sobre uma educação da sensibilidade. In: **O Cinema e seus outros**. Brasília: LGE Editora, 2009.
- DEMO, Pedro. Ambivalências da sociedade da informação. **Ciência da Informação Brasília**, v. 29, 2000.
- ECO, Umberto. O dia-a-dia da internet. In: **Revista Bovespa**. [S.l.: s.n.], 2004.
- HEIDEGGER, Martin. **Conferências e escritos filosóficos**. São Paulo, SP: Abril Cultural, 1984. (Os pensadores).
- KHEL, Maria Rita; BUCCI, Eugênio. **Videologias**. São Paulo, SP: Boitempo, 2004.
- MARCONDES Filho, Ciro. **Até que ponto, de fato, nos comunicamos?** São Paulo, SP: Paulus, 2007.
- RIBEIRO, José Luiz. Midiocracia: Torpor e torpezas. **Lumina UFJF**, v. 5, 2001.
- RIVERA, Tania. A imagem e o escuro. In: CUNHA, Renato (Ed.). **O Cinema e seus outros**. Brasília: LGE Editora, 2009.
- ROBREDO, Jaime. **Da Ciência da Informação Revisitada aos Sistemas Humanos de Informação**. Brasília, DF: Thesaurus, 2003.

SANVITO, Wilson Luiz. O fascínio das descobertas médicas. **Jornal da Tarde**, v. 02/12/2000, 2000.

SARTORI, Giovanni. **Homo Videns; Televisão e pós-pensamento**. Florianópolis, SC: EDUSC, 2001.

SMALL, Gary. A internet transforma o seu cérebro. In: **Revista Veja**. Ed. Abril, 2009. Acesso em 13 de março de 2010. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/120809/internet-transforma-cerebro-p-96.shtml>>.

WAGNER, Richard. **Beethoven**. Publicação no Brasil: São Paulo, SP: L&PM, 1987.